

consciência Bancária

EDIÇÃO DIÁRIA - ANO XXVII - 6531 - QUARTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2020



COMISSÃO IGNORA PANDEMIA, DESCUMPRE ACORDOS E APROVA RELATÓRIO DA MP DA VERGONHA 'VERDE-AMARELA'

A comissão mista que analisava a Medida Provisória (MP) 905, do contrato de trabalho “verde e amarelo”, aprovou na tarde de ontem (17) o relatório do deputado Christino Aureo (PP-RJ), que agora segue para o plenário das duas Casas. Foi a única comissão que funcionou ontem, aumentando a “flexibilização” trabalhista em um momento de apelo por mais proteção social devido à crise do coronavírus. A oposição tentou, sem sucesso, suspender a tramitação.

Enquanto o povo brasileiro está sofrendo com o descaso do governo em relação ao avanço do coronavírus no Brasil, a bancada governista trai os trabalhadores aprovando o relatório da MP 905 que retira ainda mais direitos básicos e destrói a dignidade de quem está desempregado e à procura de emprego.

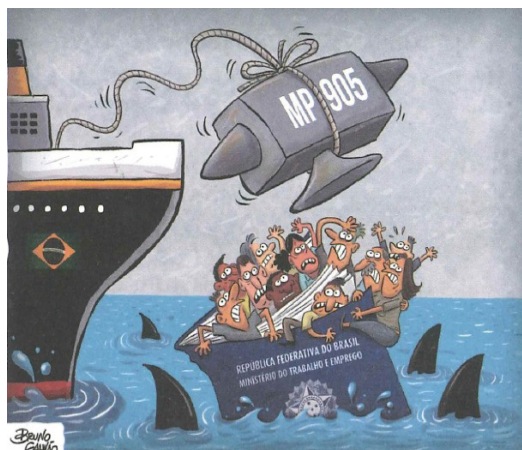
Havia dois apelos à comissão mista. Um foi encaminhado pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, que usou a crise do coronavírus para pedir aprovação de uma infinidade de matérias, incluindo a MP 905. O outro pedido foi das centrais sindicais, que querem a suspensão de votações importantes enquanto durar a situação emergencial causada pela doença. Guedes foi atendido.

Dirigentes das centrais se reuniram com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), para entregar um documento e discutir medidas contra a crise, no sentido contrário ao do governo, com mais investimentos e proteção social. “A crise de uma



pandemia expõe a fragilidade das medidas neoliberais adotadas pelo Brasil, com privatização dos serviços públicos, desregulamentação do trabalho e exclusão do Estado como garantidor dos direitos sociais. O plano apresentado pelo governo de Jair Bolsonaro, por intermédio do ministro da Economia, Paulo Guedes, vai na contramão das medidas adotadas pelos países mais afetados pelo coronavírus para combater a pandemia e proteger as economias locais”, afirmam.

O acesso à reunião foi restrito, de acordo com a Agência Senado. O presidente da comissão, senador Sérgio Petecão (PSD-AC), limitou a entrada aos parlamentares, com apenas um assessor cada. Além disso, foram autorizados um consultor, servidores da secretaria do colegiado, um servidor operacional, um taquígrafo, um do serviço de áudio e mais um da TV Senado.



Fonte: Contraf

DIA DE LUTA DEVE ACONTECER SEM ATOS E AGLOMERAÇÕES



Em meio ao avanço dos casos do novo coronavírus, as centrais sindicais emitiram nota sobre a realização do Dia Nacional de Luta em defesa da democracia dos direitos, do serviço público e da educação, marcado para hoje (18/03). A orientação é para que não aconteçam atos nas ruas, para evitar aglomeração.

Uma boa forma de protestar com responsabilidade, sem colocar a saúde em risco é realizando greves, paralisações e protestos virtuais. O importante é se manifestar contra os retrocessos impostos pelo governo Bolsonaro, inclusive contra a redução dos recursos na saúde, que pode ser sentida pelos brasileiros com a propagação do COVID-19.

As centrais sindicais lembram que a pandemia expõe a fragilidade das medidas neoliberais adotadas pelo governo Bolsonaro e também por Michel Temer, que congelou os recursos para a área por 20 anos. Outros problemas são a privatização dos serviços públicos, desregulamentação do trabalho e exclusão do Estado como garantidor dos direitos sociais.

Vale atentar que o plano apresentado pelo governo para enfrentar o atual cenário está aquém das medidas adotadas em países afetados pelo coronavírus para combater a proliferação e proteger as economias locais.

Fonte: SBBA

PLANTONISTAS DE HOJE

Manhã: LIAMARA

Tarde: EVERILDO

SORORIDADE: A VERDADEIRA REVOLUÇÃO FEMININA

Março, mês de luta das mulheres

Sobre o 8 de março - Atualmente conhecido como “o dia das mulheres”, o dia 8 de março é uma data oficializada desde 1975 pela ONU. Muito diferente do que se propaga, não é um dia para comemorações e, sim, um dia de reflexão, reconhecimento de conquistas e lutas por objetivos ainda não alcançados pelas mulheres.

Muito se especula sobre o início dos protestos que marcaram a escolha deste dia como representativo para as mulheres. É fato que o incidente ocorreu em 25 de março de 1911, em uma fábrica têxtil de Nova York durante uma grande greve por redução da carga de trabalho e salários, que culminou com um incêndio em que cerca de 130 operárias morreram carbonizadas, marcou a trajetória das lutas feministas ao longo do século 20. Porém, eventos anteriores e posteriores foram aos poucos consolidando o mês de março como um mês de luta das mulheres por direitos.

Inspiradas nessas mulheres do início do século, fomos ao longo dele conquistando o direito de trabalhar fora do lar, de votar, de estudar em universidades. Direito ao divórcio, a ocupar cargos antes só preenchidos por homens. Nos destacamos nas ciências, nas artes, na política. Nos últimos anos, conquistamos o direito ao casamento e a parentalidade homoafetiva, trouxemos à tona lutas por novos direitos, que por vezes parecem tão óbvios, mas que ainda nos é negado, como o direito ao parto por exemplo.

Aprendemos e estamos aprendendo cada dia mais a reivindicar nossos corpos, a dizer não aos padrões que nos aprisionam e sexualizam. Estamos aprendendo a dizer não, a dizer é minha vez de falar, a dizer vou te deixar (embora ainda tenhamos medo de sermos demitidas ou até assassinadas por essas atitudes). Temos uma lei que nos defende, a lei Maria da Penha, mas ainda precisamos nos esforçar muito para que ela seja cumprida.

“Nosso corpo, nossas regras”, mas ainda nos sentimos obrigadas a transar com o marido mesmo sem vontade por este ser um dever do casamento, ainda precisamos recorrer a clínicas de aborto clandestinas, ainda precisamos ouvir de um médico homem que precisamos de uma cirurgia de perineo para ficar mais apertadinha para o marido. “Meu corpo, minhas regras”, mas ainda não reconhecemos todos os corpos femininos como mulheres. Falamos em empatia, em empoderamento, em sororidade, mas ainda falta nos olharmos enquanto mulheres.

Falta a mulher hétero olhar para a mulher homossexual com respeito, sem medo de ser “cantada” ou ser “julgada” por estar ao lado dela, sem considerá-la menos mulher, promíscua ou confusa sobre sua sexualidade.

Falta a mulher homossexual olhar para a mulher hétero e compreender o que se passa nos seus relacionamentos, sem julgar, sem desmerecer. Falta a mulher cisgênera acolher a mulher transgênera, compreender sua luta (dupla) contra o machismo e a transfobia.

Não conseguimos medir o quanto será vitorioso e a força que teremos quando quebrarmos as barreiras que existem entre as mulheres, muitas delas impostas por pensamentos machistas, enraizados na nossa cultura, outras por questões de classe, outras de cor. Imagina que força teremos no dia que a patroa branca olhar a empregada negra e entender tudo que a fez estar naquela posição de “inferioridade”, e abraça-la nas suas lutas e dores. Imagina que poder teremos quando a mulher branca olhar para sua colega de trabalho negra e compreender seus privilégios enquanto branca, e apenas calar quando não for seu lugar de fala e dar àquela mulher o protagonismo que ela deve ter.

Será que temos noção do quão poderosas seríamos, se parássemos de replicar a cultura machista que nos coloca em situação de inimigas e simplesmente nos reconhecêssemos na outra mulher? E se parássemos de falar mal da atual do nosso ex, e se parássemos de competir por homens, de nos intitular feias ou bonitas por motivos diversos?

E se a gorda parasse de taxar a magra de doente, ou a magra parasse de chamar a gorda de desleixada e elas se vissem apenas como mulheres, com os mesmos anseios, mas com histórias tão diferentes. E se deixássemos de chamar outra mulher de vadia, de louca, de desmerecer sua raiva porque ela “está na TPM”, de inferiorizar o trabalho de uma mulher porque ela é filha de alguém importante. Se fizessemos tudo ao contrário do que a sociedade patriarcal espera que façamos?

Vamos empregar outras mulheres e respeitar seu direito à gravidez e amamentação. Vamos divulgar, ler e consumir produtos feitos por mulheres. Vamos abraçar a freira, a virgem, a missionária, a celibatária e respeitar suas escolhas. Vamos olhar com compaixão para a detenta, a prostituta, a mulher que sofre violência doméstica e permanece no relacionamento, entender suas histórias, estender a mão e ajudar, sem julgar

Nós mulheres da área de saúde que trabalhamos com mulheres: médicas, enfermeiras, psicólogas, fisioterapeutas, todos os dias temos a oportunidade de estar de frente para uma mulher em situação de fragilidade. Seja por uma doença física ou mental, relacionada ou não ao modo de vida, devemos sempre deixar de lado todos os nossos julgamentos e acolhe-la.